
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E INCLUSÃO DE UMA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO

Processes of Subjectivation and Inclusion of a Person Whith Autism Spectrum Disorder in Higher Education: A Case Study

Veriana Silva Martins Souza¹
Michell Pedruzzi Mendes Araújo²

RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender processos de subjetivação e de inclusão de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ademais, de modo específico, busca conhecer os fatores históricos relacionados às pessoas com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento, entender como as superstições influenciam nos processos de inclusão familiar, social, e escolar de uma pessoa com TEA, compreender a importância de superação das barreiras atitudinais no ambiente educacional e familiar para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com TEA e analisar o processo de inclusão de uma pessoa com TEA no ensino superior. Para atingir esses objetivos, recorreu-se à metodologia pesquisa qualitativa, cujo procedimento de recolha de dados foi a aplicação de um roteiro estruturado a uma pessoa que apresenta o transtorno. Dessa maneira, para analisar os dados obtidos, foram utilizados os pressupostos de Vigotski e colaboradores. Como resultados, destacam-se os empecilhos e obstáculos que as pessoas com autismo enfrentam e enfrentaram para adquirirem os direitos que possuem na contemporaneidade, a necessidade de superar as superstições para que seja possível o avanço coletivo, as limitações ocasionadas pelas barreiras atitudinais e a necessidade emergente da coletividade avançar nos debates e ações acerca das barreiras atitudinais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Inclusão, Educação Superior.

ABSTRACT

This research aims to understand processes of subjectivation and inclusion of a person with Autism Spectrum Disorder (ASD). In addition, specifically, it aims to know the historical factors related to people with disabilities and global developmental disorders, to understand how superstitions influence the processes of family, social, and school inclusion of a person with ASD, to understand the importance of overcoming barriers attitudes in the educational and family environment to improve the quality of life of people with ASD and analyze the process of including a person with ASD in higher education. To achieve these objectives, a qualitative research methodology was used, whose data collection procedure was the application of a structured script to a person who has the disorder. Thus, to analyze the data obtained, the assumptions of Vygotsky and collaborators were used. As a result, the obstacles and obstacles that people with autism face and have faced to acquire the rights they have in contemporary times, the need to overcome superstitions so that collective progress is possible, the limitations caused by attitudinal barriers and the need to emerging from the collectivity to advance in debates and actions regarding attitudinal barriers.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder, Inclusion, Higher Education.

¹ Especialista em Neuropsicopedagogia, UNIFAN, verianasms2012@gmail.com.

² Doutor em Educação, UFES, michellpedruzzi@ufg.br.

1. INTRODUÇÃO

O intuito da presente pesquisa é trazer à tona o estudo de caso de uma pessoa com autismo, seus aspectos subjetivos e processos vivenciados no contexto de inclusão no ensino superior. Esta introdução está dividida em duas seções. Na seção 1.1, aborda-se o contexto histórico das pessoas com deficiência: da segregação à inclusão. O enfoque, na seção 1.2, são os primeiros casos, características do Transtorno do Espectro Autista e a relevância do diagnóstico para indivíduos com TEA, porque é sabido que o diagnóstico precoce potencializa melhorias por meio de ajuda multiprofissional e, com isso, aumentam-se as chances de qualidade de vida das pessoas com autismo. (STEFFEN *et al.*, 2019).

Este estudo objetiva, de forma geral, compreender processos de subjetivação e de inclusão de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os objetivos específicos da presente pesquisa são: conhecer os fatores históricos relacionados às pessoas com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento; entender como as superstições influenciam nos processos de inclusão familiar, social e escolar de uma pessoa com TEA; compreender a importância de superação das barreiras atitudinais no ambiente educacional e familiar para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com TEA e analisar o processo de inclusão de uma pessoa com TEA no ensino superior.

1.1 Contexto histórico das pessoas com deficiência: da segregação à inclusão

O processo histórico de garantia do direito à educação das pessoas com deficiência foi e ainda é marcado por embates, sofrimento e muitas mortes para alcançarem os poucos direitos que possuem na contemporaneidade. A falta de conhecimento, as barreiras atitudinais e as superstições sobre o tema foram cruciais para dizimar vidas, pois as pessoas não queriam lidar com o desconhecido e não aceitavam a diversidade. Assim, a forma de resolver o problema para muitos era o abandono e a eliminação. É sabido que em Esparta, na Idade Média, as crianças que apresentavam deficiências físicas e mentais eram tratadas como subumanas e, por conta disso, as crianças eram descartadas e eliminadas covardemente. (PESSOTTI, 2012).

De todo o modo, é sabido que em Esparta crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais eram consideradas subumanas, o que legitimava sua eliminação ou abandono, prática perfeitamente coerente com ideais atléticos e clássicos, além de classistas, que serviam de base à organização sociocultural de Esparta e da Magna Grécia (PESSOTTI, 2012, p. 13).

A primeira instituição de cunho assistencialista criada no Brasil, foi a conhecida “roda dos expostos”, que eram locais que recebiam os bebês que não eram aceitos na sociedade, os chamados

“rejeitados”. A roda dos expostos funcionou até 1940, feita de madeira, com um cilindro oco que girava em torno do seu próprio eixo e que possuía também uma pequena portinha voltada para a rua. (ARAÚJO, 2014).

A estrutura da roda permitia que as mães tivessem conforto e segurança na hora de deixar os bebês, pois as mesmas não eram identificadas, os bebês eram colocados na roda, as mães rodavam o cilindro e tocavam o sino ou uma campainha. Em São Paulo, essa prática era bem recorrente inclusive no período noturno, então, bastava a campainha tocar para as freiras irem ao encontro do novo morador do local, pois esse era o sinal que uma nova criança havia sido abandonada (ARAÚJO, 2014).

Em 1990, ocorreu um salto na educação com a Conferência Mundial sobre a Educação para todos, pois surge a necessidade de concentrar esforços para atender as necessidades de todos os educandos. Porém, foi em 1997 que o contexto mudou e passou-se a falar em teorias e práticas de inclusão educacional na maioria dos países, inclusive no Brasil. E esse tem sido o maior desafio para a educação, pois os alunos precisam ser incluídos e não apenas inseridos- ou integrados- como é possível observar ainda na contemporaneidade (MENDES, 2006).

Nesse sentido, é dever do Estado incluir as minorias, e isso necessita ocorrer não apenas pelo fato de serem pessoas com deficiências e/ou de forma caritativa. Afinal, é direito garantido pela legislação. Respeitá-los e incluí-los em quaisquer que sejam as esferas da sociedade é o mínimo que se pode fazer, ademais, abandonar as práticas supersticiosas e atitudinais é o primeiro passo para superar o preconceito. Afinal, Vigotski destaca que:

Provavelmente a humanidade vencerá a cegueira, a surdez e a deficiência mental. Porém as vencerá muito antes no plano social e pedagógico que no plano médico e biológico [...]. Está em nossas mãos fazer com que a criança cega, surda ou deficiente mental não seja deficiente. Então desaparecerá também este conceito, signo inequívoco de nosso próprio defeito. [...] graças ao sistema social modificado, a humanidade alcançará condições de vida distintas, mas sãs. A quantidade de cegos e surdos se reduzirá enormemente. Porém muito antes disso serão vencidas socialmente [...]. A educação social vencerá a deficiência. Então, provavelmente, não nos compreenderão quando dissermos de uma criança cega que é deficiente, senão que dirão de um cego que é um cego e de um surdo que é um surdo, e nada mais (VIGOTSKI, 1997, p. 82).

As previsões de Vigotski remetem à conclusão de que futuramente o mundo poderá estar livre das amarras do preconceito e das barreiras atitudinais. Esse grande salto da humanidade está nas mãos da sociedade, somente com a união poder-se-á vislumbrar a diversidade e a deficiência de forma saudável e esse feito será conquistado socialmente. A educação fará o seu papel transformador na

sociedade e isso fará com que a deficiência seja superada. Assim, esta não será mais vislumbrada como algo “anormal”, chegará o momento que é ver na prática que a pessoa com deficiência será vista como uma pessoa sem adjetivações estigmatizadoras.

1.2 Primeiros casos, características do Transtorno do Espectro Autista e a relevância do diagnóstico

Por meio de buscas em sítios eletrônicos foi encontrada a história de Donald Grey Triplett, chamado "caso 1" do transtorno do espectro autista. Donald nasceu em 1933, nos Estados Unidos. Os pais da criança observaram que o filho tinha um comportamento diferente das demais crianças. A mãe notou que o menino não correspondia ao sorriso da mãe e que não tinha nenhuma reação ao ouvir sua voz. Porém, o que mais intrigou a família é que a criança não interagiu com as outras crianças, notaram que o menino não se interessava e nem gostava de brincar com seus pares. Apesar de todas as observações citadas, os pais jamais duvidaram da capacidade e inteligência do filho. Era nítido que Donald tinha uma memória incrível, lembrava de letras de canções que a mãe cantava apenas uma vez e também lembrava da ordem de objetos colocados aleatoriamente pelo seu pai (TISMOO, 2016).

Em 1938, Donald teve consulta com o psiquiatra austríaco Leo Kanner, o psiquiatra diagnosticou Donald como o "caso 1" entre 11 crianças estudadas pelo médico. Na época as crianças foram diagnosticadas com “autismo infantil”. Após a família receber o diagnóstico retornaram para Forest, cidade na qual o menino nasceu e vive até hoje, no estado do Mississippi. Em suma, Donald aos 82 anos é um homem que possui autonomia, dirige seu próprio carro, pratica golfe, enfim, é um homem bem saudável e bastante independente. Além disso, possui um bom convívio com os amigos, gosta de viajar e já conheceu sozinho grande parte dos Estados Unidos e também alguns outros países. (TISMOO, 2016).

Antes de abordar a importância do diagnóstico precoce, insta salientar brevemente sobre o Transtorno do Neurodesenvolvimento, que trata-se de um grupo de condições que tem início no período do desenvolvimento, ou seja, a pessoa com Transtorno do Espectro Autista- TEA costuma, apresentar indícios de alterações antes dos três anos de idade. Essas alterações provocam déficits qualitativos na comunicação, interação social, dificuldades também no uso da imaginação. (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2013).

O TEA é um transtorno que é diagnosticado com maior frequência no sexo masculino e possui algumas características próprias que servem de alerta para o diagnóstico precoce. As primeiras

manifestações são: atraso no desenvolvimento da linguagem, ausência de interesse social ou até mesmo interações sociais incomuns como, por exemplo: puxar alguém pelo braço, mas não ter interesse em olhar no olho da pessoa. Ressaltam-se também os padrões atípicos de brincadeiras e de comunicação das pessoas com autismo, como, por exemplo: carregar os brinquedos, porém jamais brincar com eles, ou até mesmo conhecer o alfabeto, mas não responder o próprio nome (APA, 2014).

É necessário um olhar mais atento por parte dos pais durante o processo de desenvolvimento da criança. Ao notar qualquer irregularidade nessa fase, os pais devem encaminhar os filhos para que sejam acompanhados por profissionais capacitados. É possível observar, por meio de pesquisa bibliográfica empreendida, que a qualidade de vida da pessoa com autismo aumenta bastante quando o TEA é detectado precocemente. O tratamento contribui bastante para o desenvolvimento da pessoa com autismo, principalmente no ambiente escolar e acadêmico, porque as intervenções auxiliam no desenvolvimento de competências cognitivas (NEUROSABER, 2019).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho está alicerçado na teoria histórico-cultural de Vigotski, pois essa teoria ressalta a importância da interação social para a construção do “eu”, portanto, a subjetividade vai sendo construída gradativamente por meio do diálogo e das relações intra e inter psicológicas. O interessante nesse processo é que esse teórico bielorrusso leva em consideração o aspecto intrínseco, ou seja, todas as experiências vividas vão sendo internalizadas, de “fora” para “dentro”. Essas experiências transformam e constituem os sujeitos, com isso, os sujeitos se formam e se transformam por meio do outro ao mesmo tempo, porque o processo de transformação e desenvolvimento é mútuo e também não é estático. A todo o momento o sujeito está internalizando novas experiências e aprendizados. (ARAÚJO; TRENTO, 2020).

Um dos conceitos da perspectiva histórico-cultural que propiciará as análises da presente pesquisa é a zona de desenvolvimento iminente (ou proximal), conceito típico e específico do pensamento de Vigotski. O destaque sobre o conceito é que o desenvolvimento deve ser visto de forma minuciosa por se tratar de algo importante, no percurso de desenvolvimento, trata-se de processos que estão embrionariamente contidos no indivíduo, porém não se consolidaram ainda. (RELVAS, 2012). Nas palavras de Vigotski:

O que hoje a criança faz com o auxílio do adulto fará amanhã por conta própria. A zona de desenvolvimento imediato² pode determinar para nós o amanhã da criança, o estado dinâmico do seu desenvolvimento que leva em conta não só o já atingido, mas também o que se encontra em processo de amadurecimento (VIGOTSKI, 2001a, p. 480).

Segundo a autora Relvas (2012), a zona de desenvolvimento iminente é responsável pelo domínio psicológico. Este não é estático e tem um importante papel para o indivíduo, pois a transformação é constante. No que diz respeito à atuação pedagógica, cabe salientar que o professor tem a capacidade de interferir na zona de desenvolvimento imediato dos educandos, proporcionando avanços que não ocorreriam de forma espontânea. De acordo com Vigotski (2001b, p. 333), um bom ensino é aquele que "[...] conduz ao desenvolvimento, atuando sobre aquilo que ainda não está formado na criança: o ensino deve fazer o desenvolvimento avançar".

Por esse prisma, Vigotski destaca que a zona de desenvolvimento imediato da criança é

[...] a distância entre o nível de seu desenvolvimento atual, determinado com o auxílio de tarefas que a própria criança resolve com independência, e o nível do possível desenvolvimento, determinado com o auxílio de tarefas resolvidas sob a orientação de adultos e em colaboração com colegas (VIGOTSKI, 2001a, p. 502).

A esse respeito, Vigotski (2001a, p. 502) ainda ressalta que:

[...] o estudo da zona de desenvolvimento imediato é um dos instrumentos mais poderosos de investigação pedagógica, que permitem elevar consideravelmente a eficácia, a utilidade e a fertilidade da aplicação do diagnóstico do desenvolvimento mental à solução de tarefas propostas pela pedagogia e pela escola. (VIGOTSKI, 2001a, p. 502).

Nesse sentido, é elucidado que o processo de desenvolvimento não pode ser confundido com o processo de aprendizagem, pois este último antecipa o primeiro, ou seja, a partir do momento que o sujeito aprende algo, ele se desenvolve. Nas palavras de Vigotski (2001a, p. 486), "[...] os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizagem, os primeiros vêm atrás dos segundos, que criam zonas de desenvolvimento imediato".

Considerando o exposto, a zona de desenvolvimento iminente está no meio entre a zona de desenvolvimento real, que é aquilo que o indivíduo aprende sozinho e entre a zona de desenvolvimento potencial, que é o que o sujeito consegue aprender com a ajuda de alguém mais experiente. Em vista disso, Vigotski, por meio dos seus pressupostos teóricos demonstra como é

² Estamos preservando a terminologia "imediato" como consta nesta tradução da obra de Vigotski (2001a), no entanto, acreditamos que o termo mais correto seja zona de desenvolvimento iminente, de acordo com Prestes (2013). A autora destaca que, para a palavra zona de desenvolvimento iminente, houve várias traduções diferentes como: zona de desenvolvimento proximal ou (imediato), porém nenhuma destas traduções se aproximam do real sentido da ideia de Vigotski. Portanto, iminente é o conceito que melhor se enquadra na possibilidade de desenvolvimento que o próprio bielorrusso diz (PRESTES, 2013).

fundamental a interação social. Afinal, ela permite não apenas adquirir novos conhecimentos, mas também amplia a capacidade de enriquecer de forma distinta a construção da subjetividade, porque, desse modo, ela vai sendo moldada por meio das inúmeras socializações com o outro (RELVAS, 2012).

Tendo em vista o exposto, a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e colaboradores, sobretudo os conceitos trabalhados nos parágrafos anteriores, irão subsidiar teoricamente a análise do estudo de caso de uma pessoa com autismo, potencializando a compreensão dos aspectos subjetivos e de sua inclusão no contexto do ensino superior.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A fim de potencializar o alcance dos objetivos centrais desse estudo, essa pesquisa caracteriza-se, quanto ao tipo, como um estudo de caso. Esse tipo de metodologia é importante porque é por meio das interações com o outro que é construída, aos poucos, a identidade, agregando conhecimentos e, com isso, ampliando-se a visão de mundo. Nesse contexto, Bakhtin auxilia a compreender a influência das relações dialógicas e alteritárias para a constituição da identidade dos sujeitos, afinal:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativa-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (BAKHTIN, 1997, p. 378).

O sujeito da presente pesquisa é uma mulher que apresenta o TEA e é discente do curso de Pedagogia, de uma Universidade Federal do Brasil. Como instrumentos para a produção de dados, devido à incompatibilidade de horários entre entrevistada e entrevistadora e às recomendações de distanciamento social para evitar a propagação do novo coronavírus causador da Covid-19, foi aplicado um roteiro estruturado por meio do *Google forms* que está localizado nos apêndices do trabalho.

Os dados sobre o estudo de caso de Juliana foram levantados e analisados a partir dos pressupostos de Vigotski e seus colaboradores. Portanto, foi levado em consideração que o outro e a interação social são fundamentais para a construção da subjetividade e esses são fatores importantes para potencializar a compreensão do estudo de caso de Juliana, que é um sujeito histórico e social. (ARAÚJO, 2014).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho teve como sujeito de pesquisa a Juliana, que possui 29 anos de idade e é estudante de uma Universidade Federal do Brasil. Na tentativa de conhecer melhor a Juliana, foi feita a seguinte indagação: com quantos anos de idade você recebeu o diagnóstico? Se possível, relate um pouco sobre o seu processo de descoberta do autismo? Conforme Santos³ (2021):

Posso dizer que tinha 26 anos completos e quase 1 ano de universidade. Havia uma colega dentro da Universidade, agora não temos muito contato devido a pandemia, mas ela tem um irmão e uma sobrinha dentro do espectro, chegamos a conversar sobre o autismo em meninas, pois eu desconhecia na época o autismo no sexo feminino, já que é muito difundido o autismo no sexo masculino e como sempre tive muita curiosidade no campo da psicologia (descobri mais tarde ser um hiperfoco, chego a ser muito intensa e falar muito sobre aquilo que gosto ao ponto da outra pessoa até enjoar), fui então pesquisar, tinha algumas coisas já acontecendo na faculdade envolvendo o "De bem com a mente"⁴ e também acabei descobrindo mesmo na internet vários relatos de pessoas que descobriram o diagnóstico tardiamente e lendo e vendo os vídeos eu via que me encaixava muito no perfil, sempre me senti desconfortável comigo mesma na verdade ainda me sinto um pouco até hoje (razão do mascaramento), mas eu e minha mãe começamos a refletir sobre a minha infância e começamos a fazer uma lista de coisas que eu fazia e que não eram exatamente típicas ou "ditas normais" para uma criança da minha idade, antes de ir ao De bem com a mente, pelo plano de saúde no lugar onde eu trabalhava, tentei me consultar com psicólogos(as) e psiquiatras que não ligavam a mínima para as minhas dúvidas, pelo contrário, riam de mim e da minha preocupação (falaram que como eu fazia faculdade e conversava não podia ser autista), mesmo diante da lista e do que eu demonstrava sentir, já fiz tratamento para a ansiedade generalizada antes, mas foi ineficaz e eles só com a questão de me passar medicamentos e sem me entender, até que consegui pelo programa De bem com a mente na Universidade Federal do Brasil me consultar, a psiquiatra ouviu tudo com muita calma, me perguntando sobre a minha família e leu a lista que eu fiz, não vou dizer nomes, mas ela me encaminhou para outro grupo, até então esse grupo que não existe mais era formado por autistas e que eram alunos da Universidade Federal do Brasil e quem mediava era uma psicóloga, eu fiquei maravilhada, só conhecia pessoas de outros estados pelas redes sociais, não pensava que perto assim podiam ter pessoas como eu (parecidas em certos aspectos, mas diferentes em outros sentidos, pois o espectro é amplo e cada um de nós é único) e disse que para fechar o diagnóstico precisava que a psicóloga também me avaliasse e foi isso (ENTREVISTADA A, 2021, entrevista concedida em 22/08/2021).

Vários fatores foram possíveis de analisar a partir da resposta de Juliana. Primeiramente, que ela teve o diagnóstico tardio, e no decorrer de todo o trabalho, foi ressaltado sobre a importância do diagnóstico precoce para o desenvolvimento da pessoa com o TEA. Segundo Pereira (2011), o diagnóstico precoce favorece o tratamento das pessoas com autismo, porque o torna mais eficaz, pelo fato de minimizar as estereotípias e proporcionar o aumento na estimulação, contribuindo bastante

³ SANTOS, Juliana. É um nome fictício para preservar a imagem da entrevistada.

⁴ "De bem com a mente" é um programa desenvolvido pela Universidade Federal do Brasil, que visa atender professores, alunos e a comunidade em geral. As especialidades contemplam atendimento de psicólogos, psiquiatras, nutricionista entre outros.

para a independência das crianças e conseqüentemente melhorando a qualidade de vida do futuro adulto.

Outros fatores são que a discriminação, a barreira atitudinal e a superstição são elementos limitantes e que estão bem presentes em sua realidade. O exposto ficou bem evidente no momento que ela fala que tentou se consultar com psicólogos e psiquiatras, e eles simplesmente riram de suas dúvidas. Não acharam possível ela ter autismo porque ela conversa bem e também faz um curso superior em uma Faculdade Federal do Brasil. Como pode ser possível, em pleno século XXI, o preconceito ser tão latente? E quando partem de pessoas tão instruídas como os médicos causam um maior mal-estar. Até quando essas práticas serão mantidas?

Juliana é uma mulher, discente de um curso superior, estudante de uma Faculdade Federal, trabalha e faz outras atividades em seu dia a dia. Não é pelo fato de ter autismo que ela se torna uma pessoa incapaz de desenvolver bem suas obrigações, como qualquer outra pessoa. A educanda é muito mais do que seu transtorno e receber o diagnóstico tardiamente só serviu para poder compreender melhor o que se passava em seu interior e também entender algumas preferências e dificuldades.

A pergunta seguinte foi: você acredita em inclusão escolar e acadêmica? Ela respondeu com convicção no que acredita. Conforme Santos (2021),

Depende. Acredito que a inclusão de qualquer pessoa com deficiência em ambiente escolar e acadêmico é necessário para quebra de preconceitos, criação de novos valores na sociedade visando a solidariedade e o coletivo e também o desenvolvimento da pessoa com deficiência, proporcionando para ela por meio do ambiente escolar, socialização, atividades, novas experiências. No entanto, o que eu observo na prática, como estagiária, pois trabalho em uma escola particular (sem citar nome) é que falta preparação da equipe pedagógica como um todo (do diretor ao auxiliar de limpeza) para receber aquela criança, jovem ou adulto que necessite de um apoio no ambiente escolar ou acadêmico, digo isso sem generalizar, pois existem pessoas que se mostram interessadas e a partir daí conseguem fazer do seu lugar de trabalho um espaço mais inclusivo, mas fico triste quando eu vejo uma espécie de “teatro”, em alguns lugares, onde falam que há a inclusão no seu ambiente, mas da porta para dentro isso realmente não acontece (ENTREVISTADA A, 2021, entrevista concedida em 22/08/2021).

Há muito ainda para mudar em várias esferas da sociedade e, no contexto escolar, constata-se que ainda falta preparação para o recebimento das crianças, de forma que se sintam incluídas e não apenas integradas. Nesse contexto, advoga-se que a inclusão é o melhor caminho a ser galgado, pois as pessoas com deficiência merecem respeito e empatia e esse processo jamais pode ser desempenhado como uma ação caritativa. Outrossim, é dever de todas as pessoas a busca de consolidação de uma sociedade equitativa e que realmente saiba respeitar a diversidade inerente ao ser humano.

A terceira pergunta feita à Juliana é se as superstições acerca do autismo influenciam/influenciaram nos seus processos de inclusão familiar, social e escolar. Santos (2021) respondeu:

A mídia influencia muito, com filmes e séries, formando um conceito errôneo do autista padronizado, o que nem sempre pode ser realmente levado à sério, pois apesar de muitos aspectos em comum, têm uma ou outras características que são diferentes (ENTREVISTADA A, 2021, entrevista concedida em 22/08/2021).

Quanto a esse aspecto, dialogando com Freire, o destaque é que é a educação que permite criar hipóteses, criticar com qualidade e ter dúvidas, até porque são esses fatores, além de outros, que proporcionam a construção do conhecimento. E é este que fará com que o sujeito tenha a dúvida, e não permita que a pessoa acredite em tudo que vê e ouve sem ter criticidade. Destarte, Freire (1996) faz refletir e ir além do aspecto pedagógico, apontando para a necessidade de sermos mais atentos no que diz respeito às práticas de desumanização, pois esta é a pior causa de degradação humana.

Nesse sentido, o autor encoraja o abandono de práticas que desqualificam os indivíduos, ou seja, as barreiras atitudinais e o preconceito que diminuem as pessoas como sujeitos e fazem com que elas se distanciem da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Finalizando o âmbito das análises, o destaque é que a pesquisa foi de grande valia, pois teve como principal objetivo conhecer os fatores históricos relacionados às pessoas com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento. No bojo desse trabalho também foi possível observar as lutas e dificuldades enfrentadas para alcançarem parte dos direitos que possuem na contemporaneidade.

É salutar observar que a realidade das pessoas com deficiência mudou e não há possibilidade para as pessoas e instituições ficarem inertes, tendo em vista que há muito ainda para a sociedade avançar. Nesse sentido, refere-se ao segundo objetivo que foi o de entender como as superstições influenciam nos processos de inclusão familiar, social e escolar de uma pessoa com TEA. Esse fator é de extrema relevância, pois as superstições são retrocessos e com isso influenciam negativamente a vida da pessoa com autismo, ou seja, ao invés de a pessoa se desenvolver, ela regride. Portanto, é necessário superar as superstições e contribuir para que as pessoas com autismo avancem e tenham qualidade de vida tanto no âmbito social, familiar e também escolar etc.

A pesquisa destaca que o preconceito não pode continuar sendo um entrave à vida da pessoa com o TEA, precisa potencializar a empatia na prática, pois não se pode ficar apenas no âmbito da teoria. Dessa forma, ressalta-se o terceiro objetivo, que foi compreender a importância de superação das barreiras atitudinais no ambiente educacional e familiar para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com TEA. A partir do momento em que as superstições e o preconceito forem superados, não

é apenas a pessoa com deficiência que irá progredir, mas a sociedade também irá avançar, pois a pessoa com deficiência terá outra realidade e alcançará de fato uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, acerca do quarto e último objetivo, que consistiu em analisar o processo de inclusão de uma pessoa com TEA no ensino superior, foi possível notar que muitas pessoas com autismo têm conquistado e seguido carreiras acadêmicas, chegando até a universidade. Diante do exposto é fundamental ressaltar a importância de o ambiente acadêmico oferecer condições de acesso e permanência na universidade. Os professores devem se capacitar para que possam desempenhar o seu papel de educador e contribuir para a inclusão dos alunos com TEA, ademais as instituições de ensino precisam oferecer formação continuada necessária para atender a diversidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe à tona as dificuldades que uma pessoa com TEA enfrenta na sociedade, na vida pessoal e no ambiente acadêmico. O objetivo é possibilitar a ampliação da visão que se tem sobre a temática e desenvolver mais empatia diante do exposto, pois é um equívoco vislumbrar a pessoa com autismo como se ela estivesse sempre alheia às relações sociais e aos fenômenos da sociedade. Ademais, não pode considerar o diagnóstico ou o laudo como fator determinante, que diz, com base no positivismo, o que a pessoa é ou não capaz de fazer.

Os desafios encontrados para o desenvolvimento dessa pesquisa se referem à ausência de interação social durante a coleta de dados, não por ser uma dificuldade presente no diagnóstico, e sim devido à situação atual de pandemia da covid-19, desde março de 2020. Nesse sentido, houve falta do contato, do olho no olho e da linguagem corporal, a interação tanto defendida por Vigotski fez falta, mas não foi um fator que impediu totalmente de ser realizada a pesquisa e a coleta de dados. O contato com a Juliana por meio do *Google Forms*, ferramenta que proporciona conversar e conhecer mais sobre sua história.

No que tange às potencialidades, entende-se que essa pesquisa poderá servir de base para outros acadêmicos, professores e/ou pesquisadores conhecerem os desafios de uma pessoa com autismo no espaço acadêmico e trazer pistas e indícios para elaboração de novos estudos e/ou pesquisas. A presente pesquisa foi importante para potencializar a compreensão de quanto a sociedade e o meio acadêmico são ainda reféns das barreiras atitudinais, superstições e preconceitos. É

fundamental que as pessoas busquem mais conhecimento acerca do TEA, pois somente a partir do entendimento sobre o autismo os indivíduos poderão livrar-se das amarras das barreiras atitudinais.

Por fim, é salutar dizer que essa pesquisa foi relevante para observar déficits que apontam para a necessidade de capacitação dos educadores das instituições de nível superior e apontou ainda para a grande necessidade de possibilitar condições ideais de aprendizagem para as pessoas com autismo, baseadas na subjetividade delas. Por fim, este texto também abordou o pensamento de Vigotski sobre a relevância da interação social, que exerce um importante papel de transformadora dos indivíduos e também da sociedade. Nesse sentido, mister faz-se salientar que sem interação não há desenvolvimento humano!

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**; [tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.*]. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wpcontent/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acessado em: Ago. 2021.

ARAÚJO, M. P. M. **Para além do biológico, o sujeito com a Síndrome de Klinefelter**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1135>. Acessado em: Jul. 2021.

ARAÚJO, M. P. M.; TRENTO, S. S. M. Processos de subjetivação. In: DRAGO, R.; BRAGA, L. V. da S. (Orgs.). **Vigotski: Teoria e prática**. Rio de Janeiro: Wak, 2020.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, P. Ensinar é uma especificidade humana. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 56-92.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KgF8xDrQfyy5GwyLzGhJ67m/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: Set. 2021.

NEUROSABER. **A importância do diagnóstico precoce do autismo**. 2019. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/importancia-diagnostico-precoce-autismo/?gclid=CjwKCAjwgb6IBhAREiwAgMYKRmE7sBMkj-di9aD2Ch9WTWvfzB4Dutodp6tLH7-3sYVBkBVPPutQ3hoCnyEQAvD_BwE. Acessado em: Ago. 2021.

PEREIRA, C. C. V. Autismo e família: participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 52-59,

dez. 2011. Disponível em: <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/384>. Acessado em: Ago. 2021.

PESSOTTI, I. **Deficiência Mental: da superstição à ciência**. Marília: ABPEE, 2012. 204p.

PRESTES, Z. A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: Algumas considerações. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49, 2013, p. 295-304, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/916>. Acessado em: Ago. 2021.

RELVAS, M. P. **Neurociência na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2012. 168p.

SILVEIRA, T. S.; NASCIMENTO, L. M. **Educação Inclusiva**. Indaial: Uniasselvi, 2013. 221 p.

STEFFEN, B. F. *et al.* Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. FAMP- Faculdade Morgana Potrich. RSM – **Revista Saúde Multidisciplinar**, Mineiros- GO, 2019. v. 2; n. 6. Disponível em: <https://famfaculdade.com.br/wp-content/uploads/2019/12/12-DIAGNO%CC%81STICO-PRECOCE-DE-AUTISMO-UMA-REVISA%CC%83O-LITERA%CC%81RIA.pdf>. Acessado em: Ago. 2021.

TISMOO. **Conheça a história da primeira pessoa diagnosticada com autismo**. 24 out. 2016. Disponível em: <https://tismoo.us/comunidade/conheca-a-historia-da-primeira-pessoa-diagnosticada-com-autismo/#:~:text=O%20diagn%C3%B3stico,%C3%A9poca%20de%20%E2%80%9Cautismo%20in%20fantil%E2%80%9D>. Acessado em: Fev. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V - Fundamentos de Defectologia**. Madrid: Visor Distribuciones, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

ENTREVISTA CONCEDIDA

SANTOS, J. **ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA UMA EDUCANDA DE PEDAGOGIA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO- UFG, DIAGNOSTICADA COM AUTISMO**. Entrevista concedida a SOUZA, Veriana. Google Forms, 22/08/2021.

ENTREVISTADA A. **Perspectivas para a educação de Goiânia**. Entrevista concedida a SOUZA, Veriana. Goiânia, Google Forms. 22/08/2021.